PQ9697
.S2729
R5
1928

RIO-REI

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in
book pocket

IRID-REI

L COPY

RTIAL TITLE

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.S2729
R5
1928

a 00003 617214

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513, Rev. 1/84

O REI

POEMA
ROMANCE
AMAZONICO

Oswaldo Santiago

Oswaldo Santiago

RIO-REI

Romance-poema inspirado
em motivos amazônicos

Belém do Pará
Edição Universitária — 1967

Oswaldo Santiago

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

RIO-REI

PQ9697
.S2729
R5
1928

Romance-poema inspirado
= em motivos amazonicos =

Edição da Empreza Editora
"Brasil Contemporaneo" - Rio
1928

Oswaldo Santiago escreveu:

VERSOS

«No Reino Azul das Estrellas»
Recife. 1923.
«Gritos do meu Silencio»
Recife. 1926. (Exgottado)

PROSA

«Mulheres lindas»
Conferencia. 1927.
(Realisada na Parahyba e no Pará)
«Formigas de Azas»
Chronicas. Recife. 1926.
«O Heroismo da Intelligencia».
Conferencia. 1927.
(Realisada em Manáos e Bello Horizonte)
«Dansas modernas».
Conferencia. 1927.
(Realisada no Pará).

THEATRO

«A Perola do Norte»
Libretto de uma opereta em 3 actos.
Musica do maestro Adalberto de Carvalho.

Ao eminente estadista dr. Dionysio Bentes, benemerito governador do Pará, cuja honradez e cuja bondade o indicaram á adoração do povo de sua terra, presto uma sincera homenagem dedicando-lhe este poema, num agradecimento á fidalguia da acolhida que Sua Exa. me dispensou em Belem, na minha viagem á Amazonia.

O AUCTOR

A Araujo Lima, Sá Antunes, Adriano Jorge, Pericles Moraes, Huascar de Figueiredo, Leopoldo Peres e Francisco Galvão, meus amigos de Manáos, esta prova de affecto.

O. S.

A Luciano Bentes, Alvaro Adolpho, Deodoro de Mendonça, Paulo Eleutherio, Luiz Barreiros e Dejard de Mendonça, representantes de Belém na minha estima, um testemunho dessa estima.

O. S.

NÃO pareceu interessante ao auctor deste poema apegar-se aos motivos classicos que teem servido de base á litteratura amazonica.

Nem conclusões de caracter scientifico, nem tramas mysteriosas e absurdas, nem commentarios de alcance sociologico, nem suggestões paternaes para solução dos multiplos problemas da região, nada disso encontrou asylo nas paginas adiante.

A Amazonia, aqui, apparece sob um aspecto inteiramente diverso.

Ella empresta a magestade do seu scenario e o pittoresco dos seus detalhes, de accordo com as impressões visuaes colhidas no local ou com as revelações fornecidas pela leitura de livros a elle dedicados.

Desses livros, o «Inferno Verde», de Alberto Rangel; o «Terra Immatura», de Alfredo Ladisláu, repositorio que é de estudos e observações fidelissimas; e o «Na planicie amazonica», de Raymundo Moraes, foram os que mais orientaram o auctor.

Seria injusto não alludir, tambem, aos proveitos tirados da leitura de «Aguas e Selvas», de Farias Gama, e «Amazonia Mysteriosa», de Gastão Cruls, embora se argumente que a obra do primeiro não passa de um simples ensaio e a do segundo de uma linda phantasia.

Este poema, portanto, escudou-se na verdade o mais que poude.

A propria historia que nelle se desenrola, dados os elementos da psychologia do ambiente, tanto poderia ser imaginada como succedida, o que, na opinião de Camillo Castello Branco, é uma maneira de ser real.

Quanto a deslises, liberdades poeticas e senões de toda a especie, o auctor queria apontal-os, elle mesmo, nestas palavras de abertura.

Não o fez, porêm, por dois motivos.

O primeiro foi attender á necessidade de não poupar aos profissionaes da nossa critica o prazer diabolico de encontral-os...

E o segundo foi observar que os defeitos notados por um auctor nos seus trabalhos, são, na maior parte das vezes, as unicas cousas que agradam aos seus leitores.

Assim sendo, viremos a folha adiante.

Ao Illustrissimo Joan/
talento scintillan
e alma bonissima
com a affectuo
admiração e a
Rio-Rei
velha camarada
sem do

Set
9 28

na
ausia

Protophonia

Coroado de sangue, com as mãos vermelhas gottejando,
o Dia embebe o punhal rutilo da Aurora
no coração adormecido da Floresta immensa...
E as Arvores, plantadas sobre as ilhas innumeraveis,
sobre as ilhas que vêm os barcos arrogantes
passarem, indo e vindo,
passarem, vindo e indo,
as Arvores — aquellas que ficaram mais recuadas —
esticam, por traz das outras, o pescoço das frondes
e olham o rio enorme que passa namorando-as,
o rio que lhes corteja a vaidade feminina
servindo-lhes de espelho, retratando-lhes
a forma vegetal, a graça pantheistica e fina,
a elegancia dos galhos curvos — os mil braços
com que ellas, sensuaes, felinas e ondulantes,
enlaçam os troncos nús, os troncos broncos,
rivaes que o Rio abate facilmente
quando, enciumado e raivoso, contra elles investe
e os abala,
e os solapa.
e os arranca,
e os faz, caudal abaixo, em rodopios sobre os peráus,
correrem, aos trambolhões, medrosos, espantados,
tal como se no encalço lhes viessem
os phantasmas de um conto terrorifico e macabro!

Assombroso Amazonas! Rio cyclopico e lendario!
Dizem os teus nativos que tu te geraste

do matrimonio astral do louro Sol com a branca,
com a pallida Yacy — a Lua. E elles, crentes, detalham
que ao fim de muitas noites de volupia
quando os amantes tiveram de separar-se,
ambos choraram tanto
que as lagrimas da Lua formaram a agua clara
do Solimões,
e que o pranto do Sol
chorado na escuridão apocalyptica da matta
se transformou na agua trevosa do Rio Negro...

Os gentios, assim, narram a tua formação.

Mas até mesmo entre os descrentes civilisados
tua origem se envolve, Imperador da Selva,
num véo de phantasias e mysterios...
E estes dizem que tú nasceste de um sonho absurdo,
de um sonho phantasmagorico de Neptuno
que, um dia, resolveu, insensato e leviano,
dar um irmão mais novo ao gigantesco Oceano!
Creou-te! E creando-te espalhou, prodigamente,
em ti, em torno de ti, em teu corpo e em tu'alma,
segredos e abusões, sortilegios sem conta!
Edificou, no fundo das tuas aguas insondaveis,
palacios de coral, de perolas, de esmeraldas,
onde moram os bôtos negros que se tornam
em principes encantados e seductores

nas noites de luar;
onde moram, tambem, as «mães d'agua», as yaras
de longos cabellos patrioticamente verdes;
e onde mora, ainda, a feiticeira «Boiauassú»,
cobra terrivel que suggere
visões e assombrações allucinantes!
Povoou as tuas selvas com o canto maravilhoso
do «Uirapurù», cuja vóz embevece, suggestiona,
arrebata e fascina toda matta!
Povoou-a, tambem, com os gemidos plangentes
do «juruty-pepena»,
planta que pia, ás vezes, ao cair das noites,
como se no seu caule houvesse uma garganta
e um coração humano que soffresse!
Soltou pelas tuas florestas densas, impenetraveis,
a legião infernal dos mapinguaris e curupiras
genios malignos, espiritos diabolicos!
Adornou os teus lagos com as estrellas aquaticas
das «Victorias-Regias» — nymphéas que celebram
a lenda lyrica de Naya, a princeza selvagem.
Rodeou-te de um exercito indisciplinado, mas coheso,
de serpentes, de jacarés, de féras bravas,
de miasmas, perigos, paludes,
de insectos venenosos e de peixes monstruosos!
Decorou as tuas margens com os enfeites vistosos
das tangas,
dos cocares,
dos collares,

e dos pennachos,
nellas plantando
as tabas onde, outr'ora, as Mulheres Guerreiras
davam aos homens, só uma vez em cada anno,
para evitar a extincção da tribu,
os presentes das suas carnes e os presentes sagrados
dos Muyrakitans — as pedras verdes —
como recordação dos festivos connubios;
e onde os indios de mil nações, fortes, valentes,
armados de flexas, tacapes e murucùs,
abatiam, ao som de inubias e batuques ferozes,
os inimigos ardilosos e traiçoeiros,
para depois saboreiarem, nas redes largas de tucum,
os fructos-virgens
das morenas redondas, donzellas, sadias,
cujas pelles pintadas, listradas, tatuadas
com tintura de açafrão, de genipapo e de urucú,
lhes deixavam nos corpos bronzeados
um cheiro agreste
um cheiro agreste e bom de flor do matto!

Tudo isto te doou, segundo as chronicas e os mythos,
um divino capricho! No entretanto,
quando em ti mergulhei meus olhos espantados
— ó grande Soberano! —
já não te vi, assim, barbaro e primitivo!
Vi-te maior, porém, vi-te maior ainda
porque mal te fitei encontrei, surprehendido,

um symbolo perfeito da força indomavel,
da grandeza infinita, incomparavel,
do mais bello paiz que há nos mappas traçados
pelos sabios mestres fazedores das geographias!

Sim! Tú não és o que todos dizem, ó Amazonas!
Tú és, ó rio, ó rei magestatico e forte,
tú és a bandeira liquefeita do Brasil
içada neste mastro altissimo: — que é o Norte!...

I

O' filha dos seringueiros
ó rosa dos seringaes!
Tú passas dias inteiros
cantando cantos brejeiros
que o vento embala e desfaz!

Moras na beira do rio
numa ilhota verde-azul...
E teu olhar côr de estio
não sabe, ao ver um navio,
se vem do norte ou do sul.

Nada sabes... Dês que viste
a luz do sól bemfeitor
nunca a ninguem inqueriste
se em outras cousas existe
tão milagroso explendor!

Amas o sól, a floresta,
o rio garboso e audaz,
tua casinha modesta
e teus passaros em festa
nas moitas, nos aningaes!

Tens dois vestidos de chita
e tres meias de algodão...
Mas quanta moça bonita
não tem, como tú, Jaytâ,
em sedas o coração!...

Jayta! Teu nome é lindo,
delicado e singular...
Nome de flor — vem florindo...
E a gente pensa, sorrindo,
num romance de Alencar.

Depois... Depois, certamente.
de um pensamento tão bom,
a gente não pensa: sente
que és leve, fina, tremente
como um farrapo de Som!

E's assim. Dias inteiros
compridos, longos, banaes,
tú cantas cantos brejeiros
ó filha dos seringueiros,
ó rosa dos seringaes!

II

Canta, Jayta ! A tua vóz espalha
sobre o rio os perfumes mais suaves
e o Sol, antes flammivoma fornalha,
afaga as pennas rutilas das aves.

Cae-te nos hombros os cabellos. Lentos
teus braços mornos quedam-se pendidos
e em tua bocca, a abrir-se, entram os Ventos
para oscular os Sons recem-nascidos !

Fulge a manhã doirada, cá por fóra.
Lá dentro, continúas a cantar.
Mas, subito, calando a vóz sonora
chegas á porta e estendes um olhar...

III

Oh ! A planicie dagua barrenta
que se vê deslisar, caudalosa e imponente,
parece uma larga avenida
rodeada de «arranhas-céos» que ostentam
os vitraes amarellos das folhas maduras
luzindo, brilhando na luz refulgente !

As canôas que passam
umas subindo, outras descendo,
estas mais apressadas, aquellas mais devagar,
são melindrosas

que passeiam no asphalto liquido
emquanto no seu rastro, a dois e a quatro,
os tambaquis, os pirarucús, os tucunarés
e outros galantes almofadinhas fluviaes,
seguem-n'as sem medo
de serem alcançados pelas malhas insidiosas
da rêde feminina dos seus encantos...

Com effeito! Parece uma larga avenida
rodeada de «arranha-céos» que ostentam
os vitraes amarellos das folhas maduras
luzindo, brilhando na luz refulgente,
a planicie dagua barrenta que deslisa
caudalosa e imponente!

Uma das canôas que passam, entretanto,
seguidas pela legião conquistadora e gentil
dos galantes almofadinhas fluviaes,
desvia-se, abandona a correnteza,
muda de rumo,
toma para a direita
e entra na casa-de-chá de uma bahia verde...

IV

Dez horas. A igara do José aporta sobranceira
junto das canaranas que o vento vem torcer.

Dardeja o sol.
O rio se assemelha a uma immensa caldeira
na qual, jamais, a agua chega a ferver.

Na margem, redonda e curva, da pequena bahia
onde a canôa vai atracar,
julga o caboclo ver, em sua ancia radiosa,
não a palhoça humilde onde a irmã o espera,
mas um lindo jardim ostentando, ufanoso,
no canteiro da porta, um hastil e uma rosa.

Salta, apressado. Larga a pá de remar. Arrasta
a igara para a margem. A areia chia... A agua se agita...
E José pressuroso, alheio a tudo, a rampa sóbe
para chegar depressa junto de Jayta!

Ah! Sim!... Jayta é a sua vida! E' ella
que o faz, sempre feliz, num constante lidar,
canniço á mão, ouvido attento, olhar á espreita,
em busca dos matrichões e das pirapitingas
numa fragil ubá, dia e noite, vagar!

E' ella que o faz ir, pelas mattas infindas,
com o machado e o facão, o rifle, a foice e a enxada,
ferir a seringueira,
plantar o milho, o café, a macacheira,
e estender sobre o chão, mortos ou baleados,
antas, pacas, tatús, as capivaras e os veados!

Jayta é a sua vida! Desde curuminzote,
quando a mãe a deixou, orphanando-o tambem,
José, trabalhador e amoroso,
tinha sido para ella, em vez de irmão, apenas,
um pai como, afinal, muita filha não tem!

E ella crescera! Enfezadinha quando creança
hoje era uma cunhã delicada e faceira
mimosa como uma garça,
pura como uma fonte,
e leve como uma pluma da seda branca
que há no fructo vermelho da samaúmeira!

Entra em casa o caboclo. A irmã lhe tira do hombro
o sacco onde elle traz a provisão precisa:
é phosphoro, sabão, xarque e farinha. Para ella
uns brincos, umas missangas,
dois carreteis de linha e um frasquinho de «Oriza».

Jayta vai logo pôr o almoço. Almoçam.
Em dois repentes,
José come a passoca, estalando na bocca.
Depois vem o café. Bebe dois goles quentes
e ao fim da refeição frugalissima e breve,
sorri, deixando ver
detrictos de pirão fisgados entre os dentes.

Jayta come pouco. Devagarinho. Lento.
Observa... Gosta de ver o irmão «avexado» engulindo

a boia pobre. Mas elle, vendo-lhe o prato ainda cheio
resmunga, arenga e diz que aquillo é que a tem feito
andar assim magrinha, «se assumindo».

E erguendo-se da meza tosca de paxiúba
que elle mesmo apromptára, um dia, na capoeira,
vai o caboclo, cançado e farto, somnolento,
dormir á sésta no fundo molle da maqueira.

A maqueira rendada cede ao seu peso.
Meio-dia...
O ar abraza e requeima! A canicula é enorme!...
E José, se espichando, abre as pernas, boceja,
fecha os olhos, se aquieta. Cae em modorra.
Dorme...

V

Um silencio de folhas, em magicos quebrantos,
rodeia a habitação de sombras e de cantos.

Sombras de cedros, de piquiás e mulungús.
Cantos de jacamins, de jurutys e de nambús.

A orchestra ensaia. Acerto de azas. Desacerto.
Graves. Agudos. Retintins. E começa o concerto...

Uma araponga, ali, estridula e sybilina,
martella o Som. Dissona! A orchestra desafina...

Alem, um maçarico alteia o fuso da sua vóz
que, na descida «smorza», abranda — e morre, após.

Canarios e sabiás, porém violinisam a festa...
Arrepios . . . Corre um «frisson» geral pela floresta . . .

Tremem os galhos. Os cipós vergam-se. As ramarias
Parecem se estorcer em mysteriosas agonias!

Mas, subito, quebra-se o encanto, por um momento,
e faz-se ainda maior, na selva, o encantamento!..

E' que de um ninho humano irrompe a vóz alada
de uma terna avesinha, ingenua e enamorada.

E a matta inteira absorta e muda fica então,
para beber o canto e escutar a canção . . .

VI

‹Nunca eu tive nessa vida
tanta sorte, tanta assim...
Meu amô vem lá de baixo,
vem vestido de setim ...

Meu amô vem lá de baixo
vem á percura de mim...

«A seringuêra cortada
passa um dia a lagrimá.
Coração é seringuêra
que não se deve cortá . . .

Coração quando se corta
não deixa mais de chorá . . .»

«Quatro dia, quatro noite,
uma semana de dô !
O tempo só é custoso
pra quem espera um amô . . .

O tempo só é custoso
pra quem suspira de amô . . .»

«Nunca eu tive nessa vida
tanto soffrê, tanto assim . . .
Meu amô vem lá de baixo,
vem vestido de setim. . .

Meu amô já não vem vê-me,
já não se alembra de mim . . .»

VII

Desperta-se José. O cantico dolente
viera descerrar, inconscientemente,

os seus olhos. E agora, uma frescura rara
por todo o coração, mansa, lhe penetrara.
Desperta-se, porém. Estremunhado ainda
fecha a vista ao fulgor da luz doirada e linda
para abril-a outra vez, outra vez a fechar,
e reabril-a depois, ao conseguir fitar
a claridade hostil que scintilla e encandeia.
Investiga em redor. O olhar circumvagueia.
movendo lentamente as palpebras pesadas.
Levanta-se, afinal. As pernas estiradas
junta, e de um repellão pinota da maqueira.
Procura a irmã. E a vê, surprezo, na ribeira,
com um lenço respondendo o longo adeus de alguem
que á prôa de uma lancha, acima-rio, vem...
José offega e espreita. Estremece de zelo
desde a ponta do pé á raiz do cabello!
Elle tinha da irmã um ciume que era
mixto de adoração e egoismo de féra!
Nunca, pelo seu gosto, havia de surgir,
neste mundo, o mortal digno de possuir
o doce coração da formosa cunhã.
Bem alto, rude a vóz, chama o caboclo a irmã.
E Jayta apressada, ouvindo-lhe o chamado,
entra em casa a correr, como um gamo assustado.
José lança um olhar em direcção á lancha
que, longe, se encobrindo, era agora uma mancha
minuscula e cinzenta, a tremular distante,
sobre o grosso lençól do rio exhorbitante.

Esboça um gesto alvar. E pensa: — Ah! Sim! Aquelle
não seria o primeiro afoito que com elle
se teria de haver, que com elle topava.
Uma vez, fora até — ainda se lembrava —
um conhecido seu, um amigo que vinha
de manhã, meio-dia, e, ás vezes, de noitinha
com partes de o chamar á pescaria e á caça
quando só farejava os caetetús de raça
dos seios da morena, e quando o seu desejo
era pescar, tão só, a arraia do seu beijo!
De uma outra, o capitão de um gaiola pequeno
ao voltar do Purús abarrotado, pleno
de pilhas de madeira, aturás, baquités,
gaiolas, garajáus, pelles de jacarés,
viu de bordo a cabocla a se banhar, e, esperto,
parou, retrocedeu, da margem ficou perto
e gritou para terra: — «Eh, lá! Ahi tem lenha? — »
E José respondeu, mostrando um tóro: — Venha!
Tem, e da bôa, «seu» mardito! — » E em breve
se esgueirava, lá-baixo, o barco esguio e leve...
No entretanto, apezar de tudo, elles tornavam
embora certos já do chão em que pisavam.
Seringueiros tafúes, indolentes mestiços,
velhotes, curumins, presos aos mil feitiços
da cabocla gentil, teimosos, renitentes,
vinham de igarapés curvos como serpentes,
vinham dos estirões, dos furos, dos canaes,
de estreitos e igapós, brejos e paranás,

passarem, frente ao rancho, errando sobre o rio,
o castigo solar soffrendo horas a fio,
contentes só de ver, na praia ardente e bella,
a figura brejeira e fina da donzella!

No entretanto, jamais — bem o sabia o irmão —
a qualquer pretendente ella dera attenção.
E por isto é que elle, apprehensivo e calado,
foi sentar-se á ribeira, onde, mais um bocado,
viu cahir devagar, sem rumôr nem alarde,
sobre a sua tristeza — a tristeza da tarde...

VIII

Crepusculo amazonico!
Quem poderá dizel-o, exprimil-o, descrevel-o?...

Imaginai!
Imaginai o rio, o céo e a matta:
a matta é verde,
o rio é pardo,
o céo claro.
O rio esgueira-se, sinuoso e fugidio,
a matta ensombra-se, mysteriosa e sussurrante,
e o céo transluz, reluz, offega em luz...
Uma faixa escarlate,
outra gris, outra azul, outra branca,

outra creme,
outra roxa,
outra cinza e outra negra,
formam uma unica, côr de todas as côres,
e embandeiram em arco o Firmamento
emquanto o Poente
tysico e neurasthenico,
tosse nuvens
e escarra estrellas...

Olha-se o rio,
olha-se o céo,
olha-se a matta,
e, aos poucos, se percebe
que a escuridão que invade a matta
invade, igualmente,
a agua do rio...
O céo, porém, num flagrante contraste,
é um carcere de chamas
em cujas grades prisioneiros,
se debatem os revérberos derradeiros
do Dia moribundo,
agonisante,
que já sente no corpo enfermo de treva
os suores frios
dos primeiros ventos nocturnos,
dos primeiros ventos

que ao cahir da Sombra
a propria Sombra
consigo
traz.

De repente, no entanto,
num lance imprevisto, subito, inesperado,
quasi imprevista,
quasi inesperada,
surge, illuminando toda a matta,
illuminando o rio que bruscamente se prateia
— como se milhares de escamas rutilas
lhe surgissem á flux —
e apagando as chammas remanescentes
do incendio crepuscular,
surge, na tela da Noite,
diante dos olhos luzentes dos vagalumes
que, emocionados, de quando em quando,
fecham as palpebras,
uma lua sentimental, pallida e romantica,
empoada como uma artista de cinema
que interpretasse um «film» medieval...
E emquanto
vai se desenrolando
lenta,
a pelicula do Luar,
a orchestra pernilonga dos carapanãs

educados no Conservatorio do Lodo,
preludia e executa
o «pot-pourri» supersticioso da Solidão!...

IX

Alguns dias depois, quando no espaço
novamente o crepusculo cahia,
José, mais uma vez, da praia olhava
o fim theatral. nostalgico do Dia!

No seu rude semblante carregado,
na expressão taciturna do seu rosto,
a treva de um tormento lhe puzera
dentro dalma os mysterios do Sól-Posto.

E a Noite do infinito era um contraste
com a que lhe enchia o triste coração:
na noite lá do céo — que lua clara!
na noite do seu eu — que escuridão!

Na vespera, o visinho João Raymundo
dono do barracão «Felicidade»,
o mandara chamar para fallar-lhe
um negocio de toda a intimidade.

E elle fôra. Soubera, então, que o Pedro
dos filhos do visinho o «mais maior»,
há dois mezes que andava de namoro
com a moça mais bonita do arredor.

José cuspira o chão... Adivinhára
onde a cousa haveria de chegar...
Mas, resolveu ouvir, todinha, a historia
que o Raymundo lhe achara de contar.

E o velho pai, alegre, jubiloso
com a ventura do filho detalhára
ter sido na folgança do Lagedo
que a paixão do Pedrinho começára.

Depois, eram passeios rio acima
que o filho dava, ás vezes, de tardinha,
quando findo o serviço de transporte
a sua lancha da cidade vinha.

Um dia, até, se avariara o barco
e o Pedrinho ficara agoniado
só tartaruga a espernear na areia
de casco para o chão, de pé virado.

Vendo isso, vendo as cousas desse geito,
elle o chamára, e, aos poucos, na lezeira,
o fizera narrar seu coiósado
com a moça lá da casa da ribeira.

Dissera-lhe o Pedrinho, finalmente,
que a morena já estava apalavrada,
mas parecia, assim, meia indecisa,
com receio de alguem, desconfiada...

E de um tal modo o filho lhe fallára
do amor que no seu peito se accendera
que elle, como bom pai, logo em seguida
ao caso resolver — se resolvera.

E era o motivo, em summa, de ter feito
o José vir fallar-lhe ao barracão.
Da sua mana, é claro, se tratava
e era elle o seu pai — alem de irmão.

O caboclo escutando-o amarellara
como palma de ubim, cahida, ao sol.
Tremia que só folha de arumã
ao açoite do vento, no arrebol!

João Raymundo, porém, alheio a tudo,
simples, num paternal contentamento,
findára o seu discurso prolongado
com um pedido formal de casamento.

Mas José, furioso e enraivecido,
após no chão mais uma vez cuspir,
grosseiro, respondera recusando
no proposto casorio consentir!

Attonito, confuso o pai do Pedro
ficára tonto, leso, embrutecido,
como se um puraquê com a cauda electrica
o tivesse, num choque, esmorecido.

Ao passar, no entretanto, seu espanto
numa colera justa, porém vã,
dissera a esbravejar: — «Esse ordinaro
é capaz de querê pra elle a irmã!» —

E o caboclo sahira da barraca
debaixo de máos olhos e esconjuros.
Que lhe importava! Em casa encontraria
olhos melhores, limpidos e puros!

Mas, emquanto os seus braços impelliam
contra a corrente o «ford» da sua igára,
na mente lhe echoavam as palavras
que a raiva do visinho lhe ditára.

E agora, sob o doce encantamento
da luz do luar, nostalgica e louçã,
uma vóz lhe bradava: — «Esse ordinaro
é capaz de querê p'ra elle a irmã!»—

Mas a noite esfriava. Uma cortina
de nevôa, annunciando a chuva e o inverno,
cahia. O vento arfava. A matta inteira
sussurrava um clamor funebre, eterno.

José se encaminhou para a palhoça.
Em torno della os mulungús gemiam,
e lá de dentro os Sons de uma cantiga
arrastados e tremulos — fugiam...

X

«Nunca eu tive nessa vida
tanta sorte, tanta assim...
Meu amô vem lá de baixo,
vem vestido de setim...

Meu amô vem lá de baixo,
vem á percura de mim...»

XI

O rumor de um trovão, porém, estremecendo a terra
abalando-a,
assustando-a,
ouviu-se, mal deserta a ribeira ficou
e um raio fuzilante
escreveu,
no papel sem pauta do Espaço,
com o lapis electrico de um corisco,
os signaes cabalisticos e bizarros
de um alphabeto asiatico, desconhecido,
fazendo, certamente,
pela Agencia de Propaganda do Infinito,
o annuncio luminoso da Tempestade!

A lua,
empoada e linda,
dispoz-se, logo ás primeiras lufadas,
a interromper o seu nostalgico passeio
receiosa, talvez,
de que a chuva lhe enxovalhasse
o seu lindo vestido de seda branca...
Viu-se que ella buscava

um logar qualquer onde abrigar-se.
Afinal
avistando a gruta negra de uma nuvem
caminhou para ella
com tanta pressa
que se tinha a illusão de que a nuvem
tambem marchava ao seu encontro...
Empoada e linda, porem,
a lua agasalhou-se lá por cima
escondeu-se,
aquietou-se,
emquanto, cá por baixo
as gamelleiras arrepiadas bracejavam,
bracejavam arrepiadas as castanheiras,
e as aroeiras bracejavam arrepiadas!...

Começa a chuva...

Na matta, a agua escorrendo impetuosa
molha os ninhos das jaçanãs,
das ciganas,
das marrecas, das xexéus, dos jaburús,
verga os galhos perfumados da baunilha
e do sandalo,
estraçalha, esfrangalha as folhas infelizes,
improvisa igarapés entre as raizes,

descola os fructos,
despedaça as flores,
e faz tremer de medo e frio, nos folhiços,
guaribas e mocós, onças e bacuráus.

A enxurrada prosegue violenta.
Os pingos mais espertos
cahem no leito do rio sem se magoarem
como os outros
que sobre a terra vão cahir...
Nas margens, as sororocas destroçadas
a galharia retorcida,
os capins,
os lichens,
as hervas
e os bambús,
agglomeram-se em consistentes matupás.
Há desmoronamentos,
«terras cahidas»,
nos barrancos molles, minados,
amollecidos pela chuva desenfreada
ou pelo trabalho incessante do rio perfido
que, dia e noite,
lhes vinha roendo os alicerces...
Os jacarés, vagueando na superficie,
emergem as cabeças asquerosas
e coaxam protestos, protestam
contra o temporal. E o temporal, a quando

e quando,
amaina um pouco e logo recrudesce
mais furioso, a cada instante, se tornando!...

Todo o espaço, entretanto,
vai sendo envolvido, lentamente,
por uma sombra
por uma bruma espessa, avassaladora...

E em meio desse quadro indescriptivel
onde a raiva da procella
se casa com a barbaria do scenario,
alguem, naquelle instante,
que da ribeira olhasse para o rio,
veria,
num lance magico de prestidigitação,
veria, illuminado e trepidante,
rompendo a penumbra,
sulcando a corrente,
um transatlantico inglez da «Booth Line»
desenvolvendo dezoito milhas horarias
vomitando fogo
fagulhante e vertiginoso,
ancioso, talvez, por deixar a rudeza selvagem
daquellas plagas e ancorar novamente
nos portos estuantes do Havre, de Southampton,
ou de Liverpool!...

O progresso !
O progresso nada respeita !
Viola as tradicções, annulla as distancias,
excede, surprehende, aberra,
realiza o impossivel
e diante do seu poder — dir-se-hia —
espantam-se até mesmo
os elementos revoltados da Natureza,
pois á passagem da pesada machina
— visão infernal, certamente,
aos olhos assombrados do tufão amazonico —
eis que o aguaceiro cessa, de repente...

XII

Deitado, de olhos abertos, inconciliavel
com o somno,
o caboclo agitado reflectia...
E dentro da palhoça um Silencio profundo
dormia... Dormia a Escuridão... Só José não dormia...

O rosto contrahido, as largas mãos crispadas,
arfando numa extranha anciedade
o seu todo inspirava
um mixto de piedade e de terror
que era mais de terror que de piedade !...

Pensava... Ruminava... Reconstruia
na mente, a scena da vespera de manhã
e cuidava escutar a vóz do João Raymundo
mais uma vez gritar: — «Esse ordinaro
é capaz de querê pra elle a irmã! — »

Maldito! Que lembrança! Nem por sonho
Tal idéa se faz, mesmo de gente ruim!
Mas deixasse...
Algum dia, na certa, o João Raymundo
a offensa pagaria! Ah! Pagaria, sim!...

E o caboclo enxugava o suor que lhe molhava
a face. Virava-se na rede. Revirava-se
buscando, em vão, adormecer...
E repetia os mesmos pensamentos
querendo inutilmente os esquecer!

Ardia em febre... Sim! Deus o livrasse!...
Antes morrer! Antes morrer aos golpes
de um murucú,
ou mordido, á traição, lá nos agrestes,
por uma cobra sucurijú!

Deus o livrasse!... E a insomnia divertia-se
com os desvarios do caboclo

que, inquieto, com os dentes a rangir,
maldizia o vizinho — o causador
do mal-estar que o punha sem dormir.

A febre o desvairava... Soou, lá fóra, um ruido...
Que seria ? Seria o vento ?
O caboclo attentou... A porta da sala começava
a abrir-se... Attentou mais...
E cuidou ver, na sombra, um vulto alto, corpulento!...

O extranho visitante entrou...E José, apezar
do escuro, o reconheceu! Oh!... Era o dono do barracão!...
O caboclo duvidando olhou bem para o fundo
da sala... Benzeu-se... S. Cypriano!
Era elle!... Era, de facto, o João Raymundo!...

E mudo, immovel, José o viu chegar bem perto
e olhal-o, para sua surpreza, com um olhar cordeal!
Nem parecia o mesmo! Puxou dum canto um tamborete
sentou-se junto á rede,
accendeu um cigarro e falou, afinal...

— Que diacho! José ficára aborrecido,
zangado, com uma «besteira» que elle lhe dissera!
Veja só! Não havia razão para tanto desgosto!
Não quizera offender
nem naquillo, jamais, tinha supposto!

Dissera por dizer! Mas, reflectindo, o certo
é que se, por accaso, a irmã elle quizesse
não era cousa assim, tambem, de arrepiar...
Ella era delle. Fôra elle quem a creára
e quem tivera o trabalho de a sustentar!

Pensando bem, até razão, agora, elle lhe dava
de não deixar um outro a possuir.
Era sua. Fazia bem.
Quem quizesse mulher buscasse outra.
Aquella, não! Não a desse a ninguem!...

Depois, a morena era um favo... Parecia
feita do assucar que há nos olhinhos verdes
das palmas do burity!
E o seu sorriso embebedava tanto
como um trago reforçado de cachiry!

Era sua mana, é certo. Mas isso era bobagem
do povo. Era uma cousa sem valor. E tanto era
que o Joaquim Julião, do sitio «Maravilha»
tinha dois curumins destamainho
peior que de uma irmã: da propria filha!

E João Raymundo alegre, satisfeito,
levantou-se, chegou á porta, voltou e disse:

— «O tempo ainda tá de cara feia...
Vou m'imbora.
Té logo. Druma bem. Passe uma noite cheia! — »

O caboclo nem viu por onde elle sahira.
Ergueu-se. Procurou por toda a parte.
Não estava o visinho!
Mas, subito, elle ouviu, no quarto de Jayta,
um gemido soar, abafado, baixinho.

Seria que o Raymundo entrára, casa a dentro,
e fôra ter ao quarto da cunhã?
Lá fóra, o vento uivou... Outro gemido
José ouviu... Riscou um phosphoro. Accendeu uma vela
e marchou para o quarto onde dormia a irmã.

Era uma tosca divisão de taboa
com uma cortina azul de fazenda encorpada
servindo-lhe de porta.
O caboclo hesitou.
Parou, indeciso, detendo-se na entrada.

Nisto, um trovão echoou, abalou todo o espaço,
e o vento estrepitando
a vela lhe apagou. Accendeu-a, de novo,
e, resoluto, levantando a cortina
foi com o olhar o quarto inteiro devassando.

Ninguem! Frente á parede, a um canto, numa esteira,
dormia a irmã sob um lençól de linho.
José a contemplou... Achou-a mais bonita,
mais sadia, mais forte... E ficou longo tempo
esquecido de si, absorto, olhando fixo para Jayta.

Mas, talvez porque a luz a vista lhe attrahisse
a donzella se foi voltando, lentamente,
para o seu lado... O lençól resvalou, descobrindo-a...
E eil-a que appareceu
aos olhos de José, núa completamente!...

O caboclo recuou!... O corpo bronzeado
da indefeza cunhã surgia, na meia luz,
ardente, provocante,
abrindo os braços molles e adormecidos,
numa amorosa, incestuosa cruz!

O caboclo recuou!... Tentou fechar os olhos
mas de novo os abriu... Torva fascinação!
E instinctivo, selvagem, delirante,
sentiu que totalmente
num accesso fatal, lhe fugia a razão!...

* * *

Só deu cobro de si, depois, quando o ruido
de outro trovão reboou nas mattas espantadas,

e quando, de um mulungú visinho da choupana,
— após a furia das chuvadas —
um galho, pelo golpe de um raio decepado,
cahiu fendendo o tecto da alcova
e lançando lá dentro
um diluvio pagão de flores encarnadas!...

XIII

Sinistro, medonho,
feroz, desgrenhado,
por aguas e mattas
um homem passou...
Passou perseguido
da negra desgraça
que a sua loucura
bem fundo cavou!

Seis dias errando
com o peso tremendo
de duros remorsos
nefandos, crueis,
lhe deram á face
livores extranhos
e chagas sangrentas
lhe abriram nos pés.

Dormira ao relento
na igára ou na praia
exposto aos caprichos
do rio feral,
do rio que agora
crescia com a chuva
com os surtos terriveis
da quadra hybernal!

Seis dias vagueara!
Correra mil sitios
mudando de pouso
buscando esquecer,
mais vira que a culpa
persegue o culpado
por mais que elle, afflicto,
se queira esconder!

Ninguem aos rigores
da propria consciencia
que tem os esgares
terriveis do algoz,
consegue furtar-se
da pena impiedosa
de ter de si mesmo
vergonha depois!

E, emfim, decidido,
naquella tardinha
da casa o caminho
tomar resolveu.
Deixou que a canôa
corresse ligeira
com as azas possantes
que o vento lhe deu.

Ah! Sim! No outro dia
vencendo á distancia
contava á palhoça
bem cedo chegar.
Mas quando evocava
seu crime insensato
sentia o desejo
de lá não voltar!...

Que mais succedera
na ausencia tão longa
que a si se impuzera
por medo, talvez?...
E havia na treva
no rio e nos ares
a mesma soturna,
profunda mudez!...

Diziam-lhe, apenas,
dos seus pensamentos
as vozes confuzas
augurios fataes...
No entanto, a canôa
velóz deslizando
sulcava os desvios
dos fundos canaes!

E a Noite, solemne,
fitou das alturas
a igára ligeira
na sombra, a fugir,
e achou de guial-a
com a luz das estrellas
que vinham no rio
brilhar e luzir!

XIV

Manhã.
O primeiro clarão despontou indeciso
no Firmamento.
O vento
frio e cortante
fustigava rudemente o rosto

do caboclo que mudo, de olhos esgazeados,
parecia extranhar
na sua perturbação interior,
o caminho ampliado e differente ao seu olhar.
Ampliadas e differentes, com effeito,
dir-se-hia que as duas margens immensas
se repellissem,
fugissem uma da outra,
internando-se cada qual com mais furor
pela cerrada mattaria.

Pouco a pouco, entretanto,
o dia aclarou-se
e José poude melhor orientar-se e perceber
a causa, o motivo, a razão
da pressa com que marchava a sua igara
e da brusca mudança
dos aspectos normaes, familiares
á sua vista! Ah! Sim! Bem que elle via agora!
Era a cheia! Era a cheia!
Era o horror infernal do repiquete!
A cheia...
A agua encrespada em borborinhos e rodopios,
traiçoeira,
regougante,
abatendo as arvores,
abatendo as humildes habitações,
desamarrando igaras e igarités,

afundando as embarcações carregadas
de borracha, de castanha ou de madeira,
desaggregando extensos trechos do littoral,
derretendo as ribeiras,
solapando os barrancos,
espalhando por tudo a morte, a destruição!

O repiquete!
Ao recordar o cortejo tetrico
de dôr e de desgraça
que elle sempre semeia quando passa
o caboclo esqueceu subitamente
os seus pensamentos,
os seus receios e hesitações,
e manobrando os remos desnecessarios
a quem vem «de baixada»,
julgou, decerto,
fazer singrar mais ligeira a canôa.
E a canôa voava, cavalgava
o dorso resvaladio da correnteza!
Voava,
corria,
varava a agua barrenta,
evitava os balseiros,
insinuava-se por entre a carávana agil
dos gravetos boiantes,
dos galhos soltos, dos fragmentos arrastados

pela avalanche! Parecia, ás vezes,
mergulhar no pelago em que fluctuava
mas resurgia á tona novamente
e novamente
dava a illusão do naufragio!...
O seu guia, porém, de olhos fitos na margem,
buscando qualquer cousa que devia estar perto
sentia o peito arfar
numa anciedade viva, dolorosa...

E eil-o que, finalmente,
ao dobrar de uma curva solta um grito
de allivio, de alvoroço,
um grito de victoria e de alegria!
Lá estava! Lá estava,
sobre a ribeira quasi submersa,
mais uma vez inalcançada, inattingida
— graças a elevação protectora do terreno —
a sua casa,
a sua palhoça, o seu palacio!
O caboclo exulta!
Mas na effusão transbordante e incontida
dos seus olhos radiantes,
esquece, por um momento, a direcção
da igara,
e a deixa, impensadamente,
ir de encontro a um grosso tronco

que descia sem pressa, pesado e vagaroso,
mais vagaroso e indolente
na sua frente!
O choque secco, abrupto, inesperado,
empina, torce a canôa
que executa uma vira-volta sobre si mesma,
enterra a popa com violencia
e cae de bôrco, tres metros mais adiante,
afundando-se toda sobre o rio
e sacudindo longe um corpo desarvorado!

No torvelinho impiedoso,
no pelago absorvente e bravio,
o caboclo braceja, debate-se, porfia,
enfrenta, animoso, o adversario envolvente,
procura apegar-se a tudo que passa proximo
da sua mão tacteante,
esmurra a agua,
lucta, quer resistir,
quer oppor á corrente a força herculea
dos seus braços que, tantas vezes, abateram
as arvores gigantescas
rainhas da selva, dominadoras da floresta,
mas reconhece a fraqueza dos proprios musculos,
reconhece a inutilidade da peleja
e entrega-se, por fim,
cançado e submisso,

ao jugo da voragem insidiosa
que o prende, para sempre, nos seus liquidos tentaculos
pois o Amazonas
não cede nunca a presa que, um dia,
nos laços das suas vagas hypnoticas
por descuido, imprudencia ou fatalidade,
vai cahir!...

Na ribeira, entretanto,
no instante em que José desapparecia
de uma vez,
na frente da palhoça pequenina
onde o caboclo passara a vida inteira
adorando o seu idolo de carne,
dando-lhe em holocausto seu amor e seu sangue,
consumindo-se no trabalho,
querendo-o,
desejando-o com o impulso sacrilego e latente
da sua rudeza,
— na frente da palhoça pequenina
no instante em que elle desapparecia
de uma vez,
vagueava um vulto de mulher...

EPILOGO

E orgulhoso, soberbo, indomavel, egoista,
buscando as sensações de novos panoramas,

eil-o, o Rio feróz, sedento de conquista,
a inundar os vergeis de esmeraldinas ramas!

Corre, freme, deslisa, indifferente aos dramas
de agonia ou de dôr que lhe surgem á vista!
E' um pagé delirante enleiado nas tramas
de um pesadello ultriz, de um sonho expansionista!

E vai, num turbilhão de coleras revéis,
matando, destroçando, arrazando e calcando
a tudo o que ficar debaixo dos seus pés.

Seu capricho de louco é uma divina lei!
E elle segue, a rugir, torvo e brutal, mostrando
na fereza de um Rio, a inclemencia de um Rei!...

FIM

A proposito do "Gritos do meu Silencio"

« Modernista sem ser futurista, independente sem ser desengonçado, o seu rythmo, desnorteante ás vezes, nunca chega a perder a graça da ondulação e do entrevôo.

Bravos, pois, ao encantador poeta da Veneza Americana, que tem dado ao Brasil os seus cantores mais nostalgicos e os seus bohemios mais ricos de nobreza interior! »

Hermes Fontes

« O seu livro revela uma emotividade riquissima. Encanta-me, sobretudo, esta delicadeza, esta vaporosidade, este leve pisar de pés de pluma sobre sedas — que é o modo de caminhar da sua poetica».

Ribeiro Couto

«Os «Gritos do meu Silencio» encantaram-me pelo brilho, pela espontaneidade lyrica, pela belleza.

E' — cousa rara — um livro de poesias. Aquella «Tempestade» em que a Arvore

> « enfeitou-se com a chuva, e vestiu-se com o vento
> e desceu da montanha a cantar e a dansar!»

é uma deliciosa pagina de authentica poesia.»

Peregrino Junior

«Um poeta que escreveu taes versos pode bem ficar contente consigo.»

Murillo Araujo

« ... o principe dos poetas modernistas de Pernambuco.»

(Yves) Bastos Portella

« Não é verdade que não há nada mais lindo do que versos, bons versos ? Esta certeza, que eu tinha há muito, foi-me confirmada pelo encanto, pela belleza do seu livro «Gritos do meu Silencio». »

Virginia Victorino

«... figura de indiscutivel relevo, das mais festejadas e bem amadas da nova floração litteraria da minha terra.»

Adelmar Tavares

« O sr. Oswaldo Santiago teve pudor e não se afundou, por completo, em plena vasa futurista, e as suas extravagancias ficam quasi reduzidas á pyrotechnia palavrosa dos titulos. No mais, há idéas e há pensamentos em suas composições.

.....

Com taes restricções, não hesito em applaudir o poeta pernambucano, que se me afigura muito joven e, principalmente por isso, merecedor dos louvores e da sympathia da critica desprevenida».

Osorio Duque Estrada

« O poeta Oswaldo Santiago fere todas as notas humanas no seu formoso livro.»

Chrysantème

« ... o poeta que escolheu o silencio — esse outro lado da musica.»

Onestaldo de Pennafort

«...o poeta tão suggestivamente emotivo do «Gritos do meu Silencio»...»

Maria Eugenia Celso.

«*Tempestade* é obra de grande poeta. Tel-a escripto foi affirmar-se definitivamente.»

Amaury de Medeiros

«Oswaldo Santiago, a mais interessante expressão da nova geração de poetas pernambucanos, possúe o dom raro da poesia emotiva e original.»

Maria Sabina

«E' o mais jovem e o mais brilhante dos intellectuaes modernistas do norte.»

João Ribeiro Pinheiro

«... uma das mais aristocraticas expressões do Brasil novo.»

Paschoal Carlos Magno

«Seus versos desdobram-se em imagens que seduzem, dando ao seu auctor um logar indiscutivel entre os arautos da chamada arte nova do Brasil »

Lucillo Varejão

«Oswaldo Santiago é um poeta de sensibilidade requintada e fino senso esthetico.»

C. da Veiga Lima

«Depois de ler o livro de Oswaldo Santiago, vi quanto é possivel reunir o modernismo ao sentimentalismo, pondo belleza em ambos.»

Candida de Britto

«Do «Reino Azul das Estrellas» para os «Gritos do meu Silencio» há um esforço acrobatico admiravel: verdadeiro salto mortal.»

Silvino Olavo

«Oswaldo Santiago é uma sensibilidade de muitos aspectos: escreveu «Parábola», o poema de Jesus, e escreveu «A Mulher sonora que tossia perfume», um poema de café-concerto.»

Eudes Barros

*
* *

Em artigos, notas ligeiras, livros, cartas, etc., referiram-se ainda ao «Gritos do meu Silencio»: Leoncio Correia, Harold Daltro, Thomaz Murat, Cecilia Meirelles, Mario Cordeiro, Mario Linhares, Laurita Lacerda Dias, Figueiredo Pimentel, Carlos Rubens, Hugo Auler e Hormino Lyra, no Rio de Janeiro; Manoel Arão, Dustan Miranda, Joaquim Inojosa, Aggeu Magalhães, Anisio Galvão, Augusto Andrade, Annibal Portella, Stenio de Sá, Alves Pedrosa, Solon de Albuquerque e Gilliatt Schettini, em Recife; Bruno de Menezes, Eneida Moraes, Juanita Machado, Ribeiro Pontes, Orlando Moraes e Heymar Tavares, no Pará; Perillo de Oliveira, Raul de Góes, Orris Fernandes, S. Alves Ayres e Alpheu Rabello, na Parahyba; Assis Garrido, no Maranhão; Sobreira Filho, no Amazonas; e Fernandes da Costa, em Alagôas, para citar somente aquelles cujos escriptos chegaram ás mãos do auctor.

Tambem a sra. Nina de Flores, escriptora peruana, escreveu e traduziu poesias do «Gritos do meu Silencio» para jornaes de sua patria.

NOTAS FINAES

O poema «Rio-Rei» foi lido, pela primeira vez, no «Theatro Santa Izabel», de Recife, em festa para tal fim, patrocinada pelos srs. Eurico Souza Leão, JoaquimPessôa Guerra, Mauricio Pinheiro Guimarães, Renato Medeiros e Velho Sobrinho, tendo este ultimo lido um estudo sobre o mesmo.

A' revisão, como é da praxe, escaparam ligeiros senões. Esplendor com x, cae-te por caem-te (na pag. 17), faltas de crases, letras e outras semelhantes.

A denominação de *poema-romance* a este trabalho importa, apenas, em accentuar o seu cunho dramatico. Technicamente, o auctor a sabia desnecessaria.

Andrés Guevara, o grande caricaturista e illustrador que todo o Brasil admira, fez a capa do «Rio-Rei». Fel-a de accordo com a intuição moderna e bizarra do seu talento, sem recorrer ás suggestões communs da paisagem amazonica.

7

EMPREZA EDITORA

BRASIL CONTEMPORANEO

Rua do Ouvidor, 162 - 3.º — Rio

Obras editadas:

O SUAVE ENLEVO, 2.ª edição, Bastos Portella. 4$000
VERONICA, versos de Da Costa e Silva 2.ª edição 4$000
O PATO PRETO, chronicas de Orestes Barbosa . . 3$000
DÔR SUAVE, versos de Hyldeth Favilla . . . . 4$000
JOÃO DO RIO EM FACE DA PSYCHIATRIA, estudo meta-psychiatrico da obra e do homem, Neves Manta . . . . . 6$000
RIO-REI, poema-romance amazonico, de Oswaldo Santiago . . . . . 4$000

A editar:

JOÃO GUARIBA, satyra-pamphleto de Monteiro Teixeira e Mario Cordeiro (Typos e costumes nacionaes).
VULTOS QUE NÃO PASSAM, perfis internacionaes. Martins Capistrano.
O PATO PRETO, 2.ª edição, augmentada, Orestes Barbosa . . . . . .
RUA DO VICIO, aspectos e impressões de Mario José de Almeida. . . . . .
GRITOS DO MEU SILENCIO, 2.ª edição, versos de Oswaldo Santiago.

Correspondencia a Mario Cordeiro

Rua do Ouvidor, 162 - 3.º — Rio

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
000003617214